

PRESENÇA E RESISTÊNCIA NA FORMAÇÃO DOCENTE: MINHA EXPERIÊNCIA NO PIBID NA EDUCAÇÃO INFANTIL COMO MULHER COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Layza Luane da Conceição Duarte ¹

RESUMO

Este artigo é um relato de experiência vivenciado no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), na creche CEI 98 Olinda Luz Marthe. Escrevo a partir do lugar de uma mulher com deficiência visual e obesa, estudante de Pedagogia, que encontrou na Educação Infantil um espaço de formação, acolhimento e transformação. Trago neste texto os afetos que atravessaram meu corpo e minha trajetória, os silêncios compartilhados com as crianças e os desafios de ocupar um lugar que tantas vezes não foi destinado a mim. Em diálogo com Paulo Freire e Andreia Machado Oliveira, reflito sobre o sentido da presença, da escuta e da resistência silenciosa que carrega potência e afirmação.

Palavras-chave: Formação docente; PIBID; Educação Infantil; Inclusão; Deficiência visual.

INTRODUÇÃO

A formação docente na Educação Infantil apresenta desafios e descobertas que marcam profundamente a trajetória de futuros professores. Para pessoas com deficiência visual, essa experiência pode se tornar ainda mais complexa, não apenas pelos limites sensoriais, mas também pelas barreiras sociais e institucionais que persistem no ambiente escolar. Este artigo nasce do relato da minha vivência como estudante de Pedagogia, bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), atuando na creche CEI 98 Olinda Luz Marthe. A partir desse espaço formativo, investi na superação dos meus próprios medos e preconceitos, descobrindo uma relação afetiva e inclusiva com as crianças e a equipe escolar.

A relevância deste estudo está em evidenciar como a presença de profissionais com deficiência no ambiente escolar amplia as possibilidades de inclusão, não apenas dos alunos, mas também no próprio corpo docente, desafiando modelos tradicionais de ensino e de corpo ideal para a docência. Além disso, o artigo contribui para a reflexão sobre a importância do

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR, Layza@estudante.ufscar.br;



PIBID como espaço de formação que acolhe e potencializa futuros professores em sua diversidade.

Um levantamento recente nos anais do Encontro Nacional das Licenciaturas (ENALIC) de 2016 a 2021 identificou que apenas 1,6% dos trabalhos abordaram diretamente a inclusão de pessoas com deficiência (OLIVEIRA et al., 2023). Esse dado revela o quanto ainda é raro que essas experiências sejam colocadas no centro das discussões formativas. Meu relato, portanto, busca preencher essa lacuna, trazendo uma voz que muitas vezes permanece silenciada no interior das licenciaturas.

Os objetivos deste artigo são:

1. Relatar a experiência vivenciada no PIBID, destacando os desafios e aprendizados enquanto mulher com deficiência visual em formação na Educação Infantil;
2. Refletir sobre a importância da inclusão de profissionais com deficiência na escola, a partir da minha trajetória pessoal;
3. Discutir a formação docente sob a perspectiva da escuta, do afeto e da resistência, fundamentando-me em Paulo Freire (1996; 1987) e Andreia Machado Oliveira (2006).

METODOLOGIA

Este artigo é construído a partir de um relato de experiência, que se configura como uma abordagem qualitativa e reflexiva sobre a formação docente na Educação Infantil. O relato é fundamentado na minha vivência enquanto bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), atuando na creche CEI 98 Olinda Luz Marthe.

A escolha do relato de experiência como metodologia permite dar voz à subjetividade do processo formativo, destacando aspectos afetivos, políticos e práticos que permeiam a inclusão de pessoas com deficiência visual no ambiente escolar. Essa abordagem valoriza a narrativa pessoal como instrumento de pesquisa, reconhecendo que a experiência direta traz contribuições importantes para a reflexão sobre a docência inclusiva (SILVA, 2017).



Além disso, o artigo dialoga com fundamentações teóricas de Paulo Freire (1996; 1987) e Andreia Machado Oliveira (2006), permitindo articular a experiência vivida com conceitos que aprofundam a compreensão dos processos de ensino, aprendizagem e inclusão.

IX Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

Para a construção do texto, realizei uma análise reflexiva da prática cotidiana na creche, registrando os desafios enfrentados, as trocas afetivas com as crianças e as aprendizagens construídas, tendo como norte a escuta atenta e o reconhecimento das diferenças.

DESENVOLVIMENTO 1. O encontro com a Educação Infantil: desafios e acolhimento

Desde o início da minha trajetória na Educação Infantil, percebi que o ambiente exigia mais do que conhecimento teórico: demandava presença, cuidado e capacidade de se adaptar aos múltiplos ritmos das crianças. Para mim, mulher com deficiência visual e com um corpo gordo, esses desafios tinham contornos ainda mais complexos. Eu temia não conseguir acompanhar as atividades físicas, ou até assustar as crianças por conta do meu olho cego, que tem um aspecto branco e diferente do outro.

Porém, logo percebi que as crianças têm uma percepção muito além dos estereótipos adultos. Elas não me rejeitaram; ao contrário, me acolheram. Os pequenos gestos – o toque na mão para guiar, o sentar ao meu lado, os abraços espontâneos – mostraram que a inclusão pode se dar através da escuta e do afeto, não apenas da adaptação física do espaço (FREIRE, 1996, p. 45).

Esse acolhimento foi fundamental para desconstruir o medo que carregava. Afinal, como Paulo Freire (1987, p. 39) destaca, a prática educativa é uma prática de liberdade, e é nessa prática que reconhecemos nossa capacidade de superar limites impostos pela sociedade.

2. O PIBID como espaço formativo transformador

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) foi essencial para minha formação, não só como um estágio prático, mas como um espaço de experimentação e reflexão. Nele, pude vivenciar a rotina da creche CEI 98 Olinda Luz Marthe, onde a diversidade é acolhida e a diferença é vista como riqueza.

Durante essa experiência, aprendi que não existe um modelo único para ser professor(a), assim como não há uma escola modelo. Cada espaço e cada profissional carrega suas



singularidades, e reconhecer isso é fundamental para uma educação verdadeiramente inclusiva (OLIVEIRA, 2006, p. 67).



No PIBID, o aprendizado foi construído coletivamente, envolvendo as professoras da creche, as crianças e minha trajetória pessoal. A escuta atenta foi uma das ferramentas mais importantes para entender os diferentes modos de aprender e de se relacionar. Como Freire (1996, p. 58) afirma, a escuta respeitosa é o princípio para a construção do conhecimento.

3. Resistência silenciosa e presença afirmativa

Minha maior resistência, enquanto pessoa com deficiência visual, foi ocupar espaços que tradicionalmente não esperavam por mim. Não se trata apenas de estar fisicamente presente, mas de afirmar minha existência e potencial como profissional da educação.

Essa resistência é carregada de significados e desafia as estruturas que por muito tempo invisibilizaram pessoas com deficiência. Como destaca Oliveira (2006, p. 112), é na atenção ao invisível que se criam possibilidades de transformação no território-escola.

Hoje, reconheço que a inclusão na escola não se limita a acolher alunos com deficiência, mas deve garantir a presença e valorização de profissionais com diversidade corporal e funcional. É preciso que a escola se torne um espaço onde todos possam exercer sua função com dignidade e respeito.

DISCUSSÃO

A experiência vivida no PIBID reafirma a importância de espaços formativos que acolham a diversidade e estimulem a reflexão crítica sobre a docência. Minha trajetória enquanto mulher com deficiência visual revela que a inclusão vai muito além da presença física: trata-se de garantir voz, reconhecimento e possibilidade de atuação profissional.

A escola, enquanto espaço social, reproduz muitas vezes padrões excludentes — seja pelo corpo, pela capacidade ou por preconceitos arraigados. No entanto, como Paulo Freire (1996, p. 34) nos lembra, a educação libertadora exige que rompamos com essas barreiras e construamos uma prática pedagógica dialógica, que valorize as singularidades.

A partir do relato, é possível compreender que não existe um modelo único de professor ou escola modelo. Cada contexto constrói suas particularidades e demandas. A minha experiência



na creche CEI 98 Olinda Luz Marthe demonstrou que a escuta, o afeto e a sensibilidade são essenciais para a inclusão verdadeira.



Além disso, a resistência silenciosa, que carrego em minha presença cotidiana, pode ser compreendida como um ato político. Ocupar lugares onde historicamente fomos excluídas é um modo de transformar a escola e a sociedade, rompendo com estigmas e abrindo caminhos para outras pessoas com deficiência visual e outras diversidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo reafirma que a formação docente inclusiva passa pela valorização das experiências individuais e pela construção coletiva do conhecimento. A participação no PIBID foi fundamental para que eu, mulher com deficiência visual, me reconhecesse como educadora capaz e comprometida.

Hoje, entendo que a inclusão na escola precisa se estender para além dos alunos: é necessário que profissionais com deficiência também sejam vistos, ouvidos e valorizados. Não há um corpo ideal para ensinar, assim como não existe uma escola modelo — existem espaços diversos que se constroem a partir da escuta, do respeito e do afeto.

Minha resistência está em ocupar lugares que não foram preparados para mim, mas que agora ocupo com coragem e determinação. Minha presença silenciosa é carregada de significados e representa a luta por reconhecimento e justiça social.

Eu serei professora. Não apesar da minha deficiência, mas com ela. Porque reconheço meu potencial e o valor da minha trajetória. Porque encontrei no PIBID e nas crianças um território onde minha presença não apenas cabia — florescia.

Como Paulo Freire (1987, p. 42) enfatiza, *a prática educativa é uma prática de liberdade, e só existe liberdade quando somos sujeitos da nossa história*. Este artigo é um convite para que a escola seja, de fato, um território de inclusão para todos os corpos e saberes.

REFERÊNCIAS



FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 26. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

OLIVEIRA, Andreia Machado. **Um olhar sobre o invisível: o duplo cognição e criação no território-escola**. 2006. 145 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

OLIVEIRA, Vanessa Cristina; MARQUES, Francisco Willian; AMANCIO, Rayane Maria. **Inclusão e deficiência nos anais do ENALIC: uma análise dos anos de 2016, 2018 e 2021**. Anais do IX ENALIC, 2023. Disponível em: <https://mail.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/103756>. Acesso em: 10 jul. 2025.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

